

A RELEVÂNCIA DO DIÁRIO DE CAMPO NA BUSCA DA COMPREENSÃO DA RELAÇÃO ENTRE ASSENTADOS DE REFORMA AGRÁRIA, A TERRA E O MEIO AMBIENTE

Tatiana de Oliveira*

“A ciência começa a estar em condições de descrever a criatividade da natureza, e o tempo, hoje, é também o tempo que não fala mais de solidão, mas sim da aliança do homem com a natureza que ele descreve”.

(As leis do Caos – Ilya Prigogine)

Com a minha participação no Projeto Auxílio-Integrado, intitulado “Inserção dos Assentamentos de Reforma Agrária às economias regionais / indicadores de qualidade de vida e integração ao meio ambiente: Araraquara-SP”, a partir de 2000, obtive a oportunidade de desenvolver um trabalho abrangente de pesquisa, que viria futuramente alterar minhas visões e meus conceitos sobre os assentamentos. Adentrar a esfera “micro” dos assentamentos e desses *novos atores sociais* (Whitaker e Fiamengue, 1995), onde as relações evidenciavam-se amplamente, exige de todo pesquisador uma postura que vise enfrentar em si próprio e em geral o desconhecimento e os preconceitos em relação ao rural.

Por isso a busca da compreensão da realidade em que estão inseridos os assentamentos é tarefa que se coloca como impossível sem a superação dos obstáculos epistemológicos que fazem parte da relação do rural-urbano no caso brasileiro. Assim, para Whitaker

Nossa primeira tarefa é portanto desvelar esses preconceitos. Tais preconceitos derivam da dominação do rural pelo urbano, a partir da emergência do capitalismo enquanto sistema econômico que privilegia a industrialização, engendrando uma ideologia urbano industrial, na qual se cria a figura do outro – aquele que impediria o avanço do industrialismo e como tal representaria o atraso (Whitaker, 2002, p.20).

* Ex-bolsista de Iniciação Científica no projeto “Inserção de Assentamentos Rurais às Economias Regionais: indicadores de qualidade de vida e de integração ao meio ambiente. Araraquara-SP”.

Compreender os assentamentos conservando o respeito a este *outro* sem julgá-lo ou caricaturizá-lo, tem nos colocado em constante debate com esses preconceitos, uma vez que temos buscado compreender, a partir de visões múltiplas, a complexidade dos assentamentos, captada através do acompanhamento da dinâmica de organização deste espaço, da valorização das histórias de vida dos assentados e da análise de suas práticas desenvolvidas.

Neste sentido, captar processos e sua complexidade tem sido nosso grande desafio e aperfeiçoar técnicas para isso, tornou-se nossa grande tarefa. Assim, ganhou destaque neste trabalho o uso do Diário de Campo, técnica há muitos anos utilizada e aperfeiçoada pelo nosso grupo¹. Este instrumento metodológico de pesquisa, associado a uma perspectiva crítica (embasamento teórico), tem nos proporcionado uma profunda visão sobre este *outro* e sua relação com meio, nos permitindo romper com as visões economicistas e *urbanocêntricas* que freqüentemente cercam as avaliações dos projetos de reforma agrária.

As atividades de campo, sem dúvida alguma, têm poderosa importância dentro de uma pesquisa na zona rural. São delas que retiramos os dados que embasam nossas descobertas, não podendo desprezar sua *capacidade integradora*, pois à medida que somos testemunhas das práticas e das histórias dos assentados, assumimos uma outra perspectiva de observação das relações e dos fenômenos ocorridos em seu espaço.

Porém, observar essas relações nas atividades de campo e não transformá-las em dados, em nada adianta para uma pesquisa. Por isso, para não perdermos as informações cruciais, temos investido muito nos registros em Diário de Campo.

O Diário de Campo, através dessas densas descrições que são realizadas quando fazemos a leitura do espaço, desenvolve o exercício de acessar as informações que ficam guardadas, favorecendo a capacidade de rememorar os acontecimentos vividos nas atividades de campo. Sem esses registros seria impossível captar, por exemplo, os dados sobre a forma como estão organizados os lotes, as características da produção e como ela se desenvolve. E seria ainda mais difícil captar a força das práticas culturais destes agricultores assentados que vivem um maior contato com a natureza e, portanto, estabelecem relações de alta complexidade.

Para Morin “*é impossível isolar o ser vivo de seu ecossistema, o indivíduo de sua sociedade, o sujeito de seu objeto*”, assim o Diário de Campo, nessa forçosa busca pela compreensão dos assentamentos e de seus sujeitos, tem sido um valioso instrumento para captarmos as relações entre os assentados e a natureza.

Quando iniciei os meus registros pessoais no diário de campo, logo busquei tentar fugir da lógica *urbanocêntrica* que marca a ciência e as visões em

¹ Ver Whitaker, 2002.

geral sobre a sociedade, e que retrata de maneira preconceituosa o rural e seus sujeitos. Assim, foi impossível meus registros não trazerem fortes marcas da relação entre os assentados e a natureza, tendo como destaque a diversidade agrícola, a recuperação ambiental das áreas de reforma agrária e o compromisso com o meio ambiente de muitos assentados.

Observemos esses trechos do Diário de Campo:

É impressionante como o lote do Sr. Belontaine, apesar de todas as dificuldades em relação à falta de incentivos, é diversificado. Encontrei mandioca de mesa, banana maçã e nanica, vários tipos de abóbora, feijão carioquinha e gandu, quiabo, milho, limão, maracujá, mamão, urucun, manga coquinho e espada, goiaba vermelha e branca, abacate, acerola, pitanga, café, laranja, mexirica ponkan, cana caiana, nhame, jambolão. Além dos diferentes peixes dos tanques, dos diferentes galos de raças muito procuradas (como o galo japonês) e das galinhas caipiras (Diário de Campo, 07/07/2001).

Ao registrar o que via no lote através de lembretes que depois foram mais bem transcritos, foi possível registrar como este assentado da Monte Alegre busca diversificar seu lote, mesmo com as dificuldades econômicas (como foi enfatizado), resgatando inclusive espécies de galos esquecidas e valorizando o consumo da galinha caipira.

Acompanhemos agora um outro assentado da Fazenda Bela Vista do Chibarro:

O Sr. Elias pôde nos mostrar como está organizada sua produção orgânica. Na horta há adubação verde principalmente através do plantio de mamona, do capim napiê e das leguminosas (como os vários tipos de feijão). Há também o uso de cobertura morta como a palha de arroz, de milho e de cana e as 'tradicionalis' cascas de frutas (...) utiliza também os chamados quebra-ventos naturais como os girassóis e a mamona que servem para impedir que o vento traga pragas e insetos prejudiciais ao plantio. Tem-se também o costume de plantar flores entre os canteiros para atrair os insetos que podem depositar ovos, que se tornam lagartas e atacam as verduras. Chama a atenção o composto orgânico (...) que é realmente natural, não recebendo incrementos de origem animal como o usual esterco, utiliza-se o bagaço de cana, palhas diversas e o EM-8². Todos esses elementos

² Composto fornecido pela Fundação Mokiti Okada que dá assistência sobre agricultura alternativa.

são colocados acima do solo e fechados em uma caixa de telhas (...) a ação dos microorganismos no composto é tão intensa que a temperatura eleva-se muito, chegando a aquecer, até ficar vermelho, um cabo de ferro (quando introduzido no composto) (...) após a proliferação dos microorganismos é que o composto, já esfriado, vai para os canteiros para aumentar a produtividade da terra (Diário de Campo, 19/05/2001).

É o Sr. Elias que produz suas próprias mudas para evitar as sementes preparadas. Noto o enorme carinho que este assentado tem por aquela parte do lote, bem como sua satisfação de falar da horta e de consumir um produto 'mais puro' (Diário de Campo, 19/05/2001).

O Sr. Elias foi um dos primeiros assentados a se aproximar da Fundação Mokiti Okada e a desenvolver seus ensinamentos sobre agricultura natural. É importante destacar como foi possível, de maneira detalhada, captar as diferentes técnicas que este assentado utiliza em sua horta de produção natural, como o uso de cobertura morta e de adubação verde, o processo de preparo do adubo natural e a preferência por mudas agroecológicas.

Atitudes e práticas como estas tem sido a forma que este assentado encontrou para desenvolver práticas agrícolas que trouxe consigo de seu passado em Minas Gerais, não abrindo mão de uma alimentação mais saudável. Além disso, a saúde do solo é beneficiada, pois sem a necessidade de introduzir adubos e fertilizantes químicos, este assentado foge da prática convencional que submete o solo à dependência dos insumos. Com isso, surgem solos e alimentos mais saudáveis em decorrência de uma melhor relação com o meio ambiente.

Ao registrar, através do Diário de Campo, o carinho que o Sr. Elias tem pela sua produção natural, pudemos apreender uma outra dimensão desta relação com o meio ambiente caracterizada pela interação sentimental com o meio que está sendo cuidado. Boff (1999) ao descrever a importância do *cuidado* como forma de alterar a relação com a natureza diz que:

“O cuidado não se opõe ao trabalho mas lhe confere uma totalidade diferente. Pelo cuidado não vemos a natureza e tudo que nela existe como objetos. A relação não é sujeito-objeto mas sujeito-sujeito (...) A relação não é de domínio sobre, mas de convivência. Não é pura intervenção, mas é interação e comunhão” (p. 95).

Assim, vejamos como este outro casal de assentados busca desenvolver este mesmo tipo de interação:

No lote é possível encontrar a horta com salsinha, cebolinha, coentro, tomate cereja, berinjela, pimentão, buchas, na entrada do lote uma bonita plantação de mandioca, ao redor da casa mamão, abacaxi, bananeiras, acerolas, canas entre outros produtos. Estes são assentados que de maneira artesanal produzem farinha e polvilho de mandioca (...). A mandioca é descascada, lavada, triturada, assada, peneirada totalmente manualmente, em uma estrutura construída por D. Ana e o Sr. Severino. Os restos desse processo servem para alimentar as galinhas (Diário de Campo, 25/06/2002).

O reaproveitamento de produtos do lote apresenta-se como forma de integrar as diferentes ações desenvolvidas na produção. Fazer, dos “resíduos” da produção de farinha, alimentos para as galinhas, não é somente uma forma de economizar mas também uma maneira de reciclar energia e beneficiar o meio ambiente. A diversidade mais uma vez aparece mostrando que a Fazenda Monte Alegre, espaço anteriormente utilizado para o plantio da monocultura do eucalipto, recebe agora, através do trabalho dos assentados, uma outra vitalidade.

O manejo voltado para a reconstrução da diversidade também ajuda a recuperar o solo desgastado pelo plantio da monocultura da cana-de-açúcar no assentamento Bela Vista. Vejamos este trecho do diário de Campo:

O Sr. Antônio nos mostrou a área do plantio de café, demonstrando como se colhe. Ao ser perguntado se há somente café no lote, ele nos disse: de tudo tem que ter um pouquinho, porque pra gente que tem pouca terra, não pode plantar uma coisa só; o milho agora está com preço caindo, imagine se eu tivesse só milho plantado no lote? (18/05/2003).

Este assentado demonstra que, mesmo com a força excludente do modelo agro-exportador de cana-de-açúcar que cerca os assentamentos da região de Araraquara, o papel da diversidade é múltiplo. Pois práticas agrícolas tendem a se multiplicar nos assentamentos se apresentando como alternativas para uma melhor qualidade de vida, não somente no âmbito de uma alimentação mais saudável, mas também da articulação com os mercados regionais.

Todos esses aspectos refletem um caráter intrínseco de resistência *no* campo, dando à luta pela reforma agrária uma outra dimensão bastante complementar. Combatendo a força excludente do modelo agro-exportador de cana-de-açúcar, essas práticas agrícolas que se multiplicam nos assentamentos evidenciam uma persistência na busca de alternativas para uma melhor qualidade de vida. Essa intensa luta contra a exclusão social demonstra que há uma forte resistência do campo acontecendo, indicando que visões que anunciam o

aniquilamento do campo brasileiro precisam ser revistas.

Tendo os dados e as impressões registradas no imprescindível Caderno de Campo e aprofundando a compreensão sobre o abundante quadro de elementos que se revelavam a nós por meio das teorias, em especial as que buscam compreender o rural e seus sujeitos³, temos desenvolvido uma perspectiva analítica que aos poucos vai se tornando científica, pois visa driblar o senso comum. O que vem nos movendo, portanto, *é o desejo de ocultar o menos possível* a complexidade do real (Morin, 1993).

Contudo, o Diário de Campo tem sido fundamental nesta busca pela compreensão da complexidade encontrada nos assentamentos de reforma agrária. Sem este instrumento e a *vigilância epistemológica* sugerida por Bourdieu, seria impossível fazer as profundas leituras do espaço e as análises desses dados que temos feito na tentativa de desvendar as relações entre os assentados e a natureza.

Referências bibliográficas:

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar:** ética do ser humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PESSI-PATERNAK, Guita. **Do Caos à Inteligência Artificial:** *quando os cientistas se interrogam*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

WHITAKER, Dulce C. A. e FIAMENGUE, Elis. *Memória da terra: as rupturas e as novas possibilidades*. In: **Retratos de Assentamento:** Auto-Retratos de Assentamentos, nº 2, NUPEDOR, UNESP, Araraquara, 1995.

WHITAKER, Dulce C. A. **Sociologia Rural:** Questões Metodológicas Emergentes. Presidente Venceslau, São Paulo: Letras A Margem, 2002.

³ Aqui vale destacar a ampla produção teórica que possui o Nupedor, através de livros e de seus *Retratos* e das dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas por seus pesquisadores.